



INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE PSICANÁLISE
Nº07 - AGOSTO DE 2010

Capa: manuscrito de fernando Pessoa [1914] O Guardador de Rebanhos.

SUMÁRIO

ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE PSICANÁLISE - 2010

Presidente: Walkiria Helena Grant
Vice-Presidente: Lucia Brandão Bertazzoli
Secretária: Regina Steffen
Vice-Secretária: Rosana Pires da Silva
Tesoureiro: Simone T. Camargo
Vice-Tesoureiro: Rodrigo Abreu

COMISSÕES

Comissão de Acolhimento: Israel Vieira; Regina Steffen; Renata Falivene.
Comissão de Biblioteca: Patrícia R. Possato; Rodrigo Abreu.
Comissão de Divulgação: Rodrigo Abreu; Simone Teller de Camargo.
Comissão de Ensino: Patricia R. Possato; Lucia Bertazzoli; Elaine Moraes.

EDITORIAL	Walkiria Helena Grant.....	4
ARTIGOS E ENSAIOS		
A ALEGRIA DE UMA PALAVRA BROTADA	Walkiria Helena Grant.....	6
CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATO ANALÍTICO	Lucia Bertazzoli.....	6
REFLEXÕES SOBRE A DISJUNÇÃO: MÃE, MULHER.	Walkiria Helena Grant.....	11
SOBRE O "ATO PSICANALÍTICO"	Patrícia Ribeiro Possato.....	22
EM TORNO DA SUBLIMAÇÃO E DO FINAL DE ANÁLISE	Carlos Serafim Martinez.....	25
AGENDA		33

EDITORIAL

A Associação Campinense de Psicanálise, desde o seu lugar de promover a circulação do saber sobre a teoria e a prática psicanalítica, tem oferecido seminários, cursos, encontros temáticos e pôde, em 2009, promover uma Jornada em torno do tema “O Ato Analítico”. Em 2010, o tema que nos une e que será o tema de nossa próxima Jornada é “O Gozo”.

Mais além da reflexão sobre os textos clássicos freudianos, de cursos que mobilizam a escuta de pais e de crianças, temos podido, enquanto Escola, nos unir em torno da leitura de cada último Seminário de Lacan editado – neste momento estamos trabalhando o livro 18 – “de um discurso que não fosse semelhante”, num formato que permite o encontro, que se tem mostrado esparsa, da grande maioria dos analistas da ACP.

Se os cursos e seminários têm podido agregar participantes em número suficiente para que a ACP, juntamente com seus Associados, possam assegurar sua existência jurídica e fiscal, é um caminho a ser percorrido até que possamos fazer marcas com nossas produções escritas: este é um desafio importante.

A escrita, sendo a metáfora de um fio que sai do ventre e é capaz de tecer a história dos caminhos de uma vida, caminhos muitas vezes tenebrosos, como podemos acompanhar no relato de Jorge Semprun – *A escrita ou a vida*¹. Se antes, Semprum acreditava que escrever era disjunto de poder viver, que escrever era reviver a dor insuportável da vida nos campos de concentração, podemos testemunhar uma reviravolta: “a escrita e a vida”. A escrita, como a metáfora do fio que o bicho da seda retira de seu próprio ventre e que lhe assegura a sobrevivência. “A escrita ou a vida” nos leva aos caminhos da escrita como meio privilegiado de contornar o real impossível e assegurar a possibilidade de reconquista da humanidade. Jorge Semprun foi preso pela Gestapo em 1943 e deportado para o campo de concentração de Buchenwald, onde sobreviveu ao genocídio nazista. Morto-vivo, ao sair do campo de

concentração, acreditou na disjunção entre escrever e viver, para depois descobrir que o fio da escrita era a corda que podia amarrá-lo à vida. “Assim, no dia 11 de abril de 1987, aniversário da libertação de Buchenwald, acabei por me reencontrar de novo. Por redescobrir uma parte essencial de mim, de minha memória, que eu tinha sido, que ainda era obrigado a recalcar, a manter à margem, para poder continuar a viver. Para, muito simplesmente, poder respirar. Disfarçadamente, no desvão de uma página de ficção que de início não parecia exigir minha presença, eu surgia no relato romanesco, carregando unicamente a sombra devastada deste memória”. (Semprum, 1995, pg.224) Semprum, num comovente relato de seus dias no campo de concentração, do convívio com a morte a cada dia, pôde, com o tecido da escrita, fazer algo desse horror: não sucumbiu a ele e pôde permitir a nós leitores, um partilhar daquilo que foi Buchenwald.

Uma Associação de Psicanálise pode testemunhar a importância dos recursos simbólicos para tecer, para enodar uma história de vida. Que possamos mais e mais produzir uma escrita.

Walkiria Helena Grant
Presidente da ACP -2010

¹ Semprum,J. *A escrita ou a vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARTIGOS E ENSAIOS

A ALEGRIA DE UMA PALAVRA BROTA DA

Walkiria Helena Grant

Muitos e muitos anos se passaram e eu, me ouvi falando certa manhã, ao estender os lençóis com Henry, do outro lado da cama: “*olha o bololô que ficou do seu lado...*”. Bololô - palavra brotada de minha boca e que me fez sentir uma alegria inusitada! Eu não ouvia esta palavra desde muito pequena, quando meus braçinhos precisavam de outros, do outro lado da cama que era de solteiro, para arrumá-la. Lembro-me bem: eu de um lado, e minha irmã do outro.

Ríamos muito quando uma dizia para a outra que havia um “bololô”- “bolo-lo”: doce brincadeira de criança...

Por alguns instantes, esta palavra teve a magia de transportar-me para outra época, para outro lugar: eu era uma menininha de 6 anos, na casa de minha infância! Que estranho poder tem a palavra; ela perpassa nosso corpo, ela tece nossa presença no mundo através do fio com que cada um de nós “escolhe” o quê e o como dizemos, escrevemos, deixamos nossas marcas... Bololô: palavra fabricada com uma matéria de gozo infantil!

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATO ANALÍTICO*

Lucia Bertazzoli

- *Ação e ato: Nietzsche e Lacan*

- *O ato é do analista*

- *No ato não há sujeito*

- *O inconsciente é da ordem de um fazer*

- *O ato é causa do sujeito*

“O Ato Analítico” é o título do Seminário XV de Lacan proferido entre os anos de 1967/1968. Nele Lacan (1) diz textualmente que “a psicanálise faz alguma coisa” e a esse fazer psicanalítico ele denomina Ato.

Fazer pressupõe uma ação, mas não falamos em ação quando se concebe o ato. Mariguela (2) nos traz a idéia de ato em Nietzsche como sendo a produção do novo a partir de uma ruptura na história do pensamento moderno. Refere-se aos autores que, realizando tal ruptura, geraram acontecimentos na história do pensamento ocidental, (Freud, Darwin). Não se trata de transformar ou modificar a história porque ela está lá, simbolicamente dada e, sim, de produzir o novo, interpretar a civilização partir das modificações que as rupturas acarretam. A interpretação, sendo a ação decorrente do ato. Porque houve ação, sabemos ter havido um ato. Quando Lacan enuncia “Meu ato de fundação da escola...” causa uma ruptura no discurso estabelecido pela IPA, convocando os analistas a um reposicionamento relativo à formação. Isso é da ordem de um ato.

O ato engendra o novo. Por exemplo, um ato político traz como consequência uma mudança na história de um país. Assim, pensamos que a ação como consequência do ato é o acontecimento que produz uma descontinuidade naquilo que era da ordem do estabelecido, do conhecido, da repetição: ao mesmo tempo em que o legitima enquanto sua causa, a ação faz o ato existir, em um só-depois. É a posteriori que o ato é reconhecido enquanto tal. É a presentificação lógica de um vir a ser; lógica porque não envolve um antes ou depois temporal, mas sim, torna atual o que estava potencialmente presente. – Aproximamo-nos aqui do engendramento do sujeito pelo ato analítico no que ele comporta um saber.

Duas idéias de Lacan me conduzem nessa reflexão sobre o ato analítico. A primeira, a de que o ato instaura uma nova ordem a partir da descontinuidade que ele produz (1), e a outra, a de que o inconsciente não existe, que ele é da ordem de um fazer, que ele é um ato (3).

Eu gosto de pensar a clínica da psicanálise do ponto de vista da surpresa que ela propicia quando encontra o real; na atualidade da clínica lacaniana, deixamos de lado as interpretações que possam dar um sentido aos sintomas do psicanalizado, o que poderíamos denominar de clínica do simbólico, aquela que privilegia o trabalho com os significantes. Trata-se agora de buscar o não sentido, privilegiando o que de surpreendente vem ao seu encontro no desenrolar das associações, justamente aquilo que se apresenta com a impossibilidade de uma significação. Estamos falando da clínica do real. Analisar, estando na poltrona ou no divã, é permitir que o real surja em sua impossibilidade, no não sentido, na ex-sistência e que, por ex-sistir, engendra o saber.

Analizar supõe um fazer. Um fazer no sentido do ato: ações deliberadas do analista ocorrem e devem ocorrer para que a análise siga seu curso; é a direção do tratamento; porém, seu produto é da ordem do ato, do novo, do descontínuo, do saber. É no final de uma análise que se reconhece o ato analítico, ali onde surge o saber, um novo lugar de saber. Lacan diz que no final da análise, no ato analítico há um analista: um saber sem sujeito, um sujeito suposto saber.

Uma nova ordem

No Seminário XV, “O Ato Analítico”, Lacan diz que o ato é do analista e é da ordem da realização, não envolvendo aí, no entanto, uma ação. Nele, não há intervenção subjetiva porque não há sujeito, quem opera na análise é o desejo do analista que “não se autoriza senão de si mesmo” e quando Lacan diz isso, ele diz que o analista não se autoriza de nenhuma de suas identificações imaginárias ou, de nenhuma de suas fantasias. Senão de si mesmo.

Se por um lado não há subjetividade do analista, que assim ocupa posição de semblante, também não há um dizer relativo ao ato. O sujeito em

análise fala convocado pelo desejo do analista, operador do ato e, ao dizer de si, algo do simbólico emerge, algo que já estava lá, estruturado como uma linguagem e construído miticamente na fantasia sob a égide da repetição. O sujeito fala porque repete e, nos tropeços de sua fala o inconsciente se constrói. O sujeito fala na transferência e seu discurso dirige-se a um lugar de saber por ele suposto, encarnado na figura do analista que faz semblante, simulacro, faz-se representação daquele que sabe. A tarefa analítica promove a interrupção da repetição manifestada no discurso, para fazer surgir na via da angústia, o buraco, a falta, o lugar do desejo. A pontuação do analista exerce aqui seu poder, atrelada que está ao equívoco: não mais aponta para o corte que remete o sujeito a um sentido para seu sintoma e sim, remete-o ao sem sentido da significação. Diz Lacan no Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise “A interpretação não visa tanto ao sentido quanto reduzir os significantes a seu não senso.” (4). O encontro do real que desestrutura as certezas do sujeito constitui-se em um momento de ruptura, de descontinuidade, de criação e ocorre como uma surpresa, como um chiste.

O inconsciente não existe, o inconsciente ex-siste

Qual é o estatuto do inconsciente já que Lacan afirma ser ele da ordem de um ato? Pensamos o inconsciente como um saber construído pelo simbólico a partir das pontuações das repetições. No processo de análise o simbólico cria seu próprio passado supondo-o ter sempre estado ali. É o inconsciente sendo construído sessão após sessão. A posição do analista é a de nada saber, a de fazer semblante. Ele espera. Espera pelo momento da surpresa, do chiste, de um nome que vá de encontro ao acaso, implicado aí um valor. Valor que alça o analista nesse momento lógico, ao estatuto de grande Outro, lugar de possibilidade de registro do novo, inscrição psíquica que aí se faz: fazer o Um, marcar o início, instituir algo ali onde nunca houve. Do lugar de objeto a, causa de desejo, condição que lhe é outorgada pelo psicanalizado e que possibilita ao

sujeito gozar, o analista passa à condição de Outro, lugar de registro do novo, quando é, enfim, destituído ao final da análise, desse lugar. No momento do ato, o da surpresa, o inconsciente ex-siste para o sujeito, não há mais o Outro a quem demandar e completar. É o real que se apresenta em toda a sua impossibilidade, ele, sim, fazendo causa. O Outro não é bom o suficiente para saber sobre aquilo que causa o sujeito, não é bom o suficiente para saber daquilo que o sujeito fala. (6) O Outro já não tem o que oferecer. No momento do ato, institui-se o UM. Ao capturar-se na descontinuidade, ao surpreender-se como o novo que surge, o sujeito realiza necessariamente uma ultrapassagem destituindo o sujeito suposto saber de sua posição porque ali já não há o saber suposto. No momento do ato há um saber, mas, um saber sem sujeito. A análise constrói o sujeito do inconsciente na diacronia das sessões para, em ato, produzir sincronicamente o novo sujeito aos moldes do acaso. "No começo, não é a origem, é o lugar" citação do Seminário XVI (7). O ato é causa do sujeito que agora sabe. E o que ele sabe? Ele sabe de seu lugar de gozo, e sabe o que fazer com isso, "savoir-y-faire" do synthoma como o quarto nó. Mas esse é outro assunto.

Referências Bibliográficas

- LACAN, J. OS Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise - Livro XI. Rio de Janeiro, JZE, 1964. (3,4,5 e 6)
- LACAN, J. O Ato Analítico – Livro XV. 1967-1968 (1e 7)
- MARIGUELA,M., "Filosofia do Ato" "Freud e o Übermensch[super-homem] nietzsiano" - Palestras proferidas em junho e agosto/2009 na ACP – disponíveis para consulta em áudio/dvd (2)
- (*) Reflexões feitas a partir da leitura do seminário XV e dos questionamentos suscitados na I Jornada da ACP – O Ato Analítico em 2009.

REFLEXÕES SOBRE A DISJUNÇÃO: MÃE, MULHER.

Walkiria Helena Grant

Freud certa vez disse à princesa Marie Bonaparte: "a grande pergunta a que nunca obtive resposta e que até agora não fui capaz de responder, apesar de trinta anos de investigação da alma feminina, é esta: O que é que deseja a mulher?" (Jones, 1976, pg. 439) Apesar de, durante toda a sua vida, buscar responder a questão "o que quer a mulher? "Was will das Weib?", acaba concluindo sua pesquisa dizendo: ela quer ser mãe. Ou seja, Freud diz que o caminho da maternidade, ou seja, a terceira saída e a que indica a feminilidade normal – a primeira seria a renúncia a toda atividade sexual, e a segunda seria a tenaz auto-affirmação da masculinidade -, é tomar o pai como aquele capaz de dar aquilo que a mãe não deu: o pênis e, na impossibilidade de tê-lo no real de seu corpo, deslizar pela equação conhecida por nós: pênis=falo=filho. É nesta equação lógica que Freud nos permite compreender o lugar que o filho ocupa, para que a mulher construa uma resposta a sua inveja fundamental que é a da falta do pênis. Um filho responderia, então, a essa falta fundamental. Daí concluir pela importância da maternidade nos caminhos da vida das mulheres. Vale ressaltar que Freud buscava por um universal que respondesse a um anseio feminino "par excellence", um desejo único que fizesse das mulheres um conjunto e o pênis teria sido eleito como o objeto do desejo que faria das mulheres um conjunto. Vemos que se esboça neste quadro um sujeito vivendo uma falta – a de um pênis – e demandando algo investido do seu valor. Neste quadro poderíamos situar a maternidade como da ordem de um desejo fálico: um pênis por um filho, objeto este que vem para arrolhar uma falta e, portanto, satisfazer a fantasia de completude de um sujeito. Assim, a falta instaurada pela vivência edípica seria tamponada, no real, com o corpo de um filho. Ocorre que o predicado mãe não satura o sujeito mulher, e desdobramentos deste fato podem ser pontuados quando a interrogação sobre um querer se coloca para

uma mulher, mais além do corpo do filho. "Mãe desnaturada", por exemplo, pode ser escutado como apontando para uma maternidade algo não natural, fora dos parâmetros esperados em uma dada sociedade, ou seja, aquela em que uma mãe não cuida suficientemente bem do filho. Miller (), lembrando o uso do termo "mãe suficientemente boa" de Winnicott, nos diz: mãe suficientemente boa é aquela que não é mãe por inteiro, que não permite que seu filho arrolhe seu desejo e que continua capaz de desejar, mais além do corpo dele. Uma das maneiras de entendermos essa colocação é a de que uma mãe suficientemente boa é aquela que não se doa totalmente para seu filho, é aquela que o marca com as insígnias da castração: ele não é tudo para ela, ela deseja para mais além do seu corpo, do seu ser. Estamos apontando que o drama do Édipo feminino não se satura pela saída da maternidade e que o enigma do querer de uma mulher continua insistindo... Em outras palavras, o não saber de uma mulher pode se revestir de um saber no quadro da maternidade, o impossível da relação sexual se transmuta, na maternidade, num sonho de uma relação possível: a da mãe e com seu bebê. Mas, é não sendo uma mãe "totalmente" boa, que o sujeito feminino pode continuar interrogando-se pelo seu ser mulher! É desejando mais além do filho que a mulher pode suplantar a mãe.

Lacan retoma esta questão particularizando a questão: O que quer uma mulher? Qu'est ce qu'il veut une femme? "Os homens, em todos os tempos, meditaram sobre o enigma da feminilidade". (Freud, 1932. p. 3164) Lacan nos diz que mesmo as mulheres analistas não soltam uma palavra sobre esse enigma e conclui que talvez isto se deva a algo que é efeito de estrutura: a mulher é da ordem do incognoscível, não tem necessidade de ser pensada para ser. Assim, a questão sobre "o que quer a mulher" parece ser uma interrogação que mobiliza os homens a pensarem, escreverem, poetarem... As mulheres há que se escutar uma a uma, elas são pura diferença, não fazem grupo. De Freud a Lacan um giro: não há uma variável que faça das mulheres um conjunto, como o penisneid. Aprendemos, com Lacan, que o falo não é o equivalente do pênis real; o falo é um significante que busca nomear o

desejo. Neste sentido, dizer que a mulher é privada do falo implica que seu desejo está continuamente em busca de algo que, em promessa, possa a vir preencher-lo. Não é preciso ser um analista para constatar que tão logo a mulher receba aquilo que ela tanto queria, logo nomeará outro objeto de desejo, e outro, e outro! Se esse movimento faz o desespero de muitos homens, é preciso que destaquemos o aspecto, que pode ser saudável, daquela que vive o movimento do desejo.

E a Psicanálise, como poderia contribuir para que um homem não "enlouqueça" quando, após ter girado toda a cidade para comprar um ramalhete de rosas vermelhas, ouvir que sua amada, agora, prefere as brancas?". Diria que é o homem poder suportar não ser o "super herói" capaz de tudo resolver: se ele pode satisfazer, em parte, aquilo que falta a uma mulher, é ela mesma que tem de se responsabilizar em criar meios de dar contornos ao que continua a lhe faltar; em outras palavras, é ela que deve chamar para si a responsabilidade de continuar inventando! O desejo, por estrutura não visa a uma coisa, a um objeto real; o desejo, em verdade, só que desejar!

MATERNIDADE: GOZO FÁLICO

A mãe humana não é uma fêmea do mundo animal: estamos falando de um ser humano atravessado pela linguagem, submetido à lei e impulsionado a agir no mundo em busca de satisfações pulsionais.

O filho pode ocupar o lugar de um **objeto** do desejo privilegiado e, enquanto tal, ser eleito para atingir o alvo pulsional que é o de produzir satisfação. Nesse sentido vale ressaltar que, no quadro da sexualidade feminina - marcada pelo enigma, pelo não saber -, a maternidade vem caracterizar-se por **um saber, um saber que é vivido como da ordem de uma satisfação**.

Ressaltemos, nesse momento, a maternidade como podendo ocupar o lugar de um sonho em que o desejo a ser realizado é o da recusa a se defrontar com a verdade da castração: o filho estaria aí, como prova viva de que nada falta àquela mulher.

As novelas da Rede Globo ocupam um papel importante na tessitura das vidas de homens e mulheres contemporâneas, e por isto, recorrerei a personagens da trama de Manoel Carlos: "Viver a Vida", para falar de mulheres e mães nas suas relações com parceiros e filhos.

Ingrid, mãe de gêmeos, está à beira de um ataque de nervos com a proximidade do

casamento de seu filho Miguel, com Luciana. Mais do que isto, ela passa a maior parte de sua vida ocupando-se com a vida dos seus dois filhos: um médico, outro arquiteto. Mesmo depois de formados, eles ainda continuam a ser tudo aquilo que falta na vida dessa mulher. Seu marido, seu ateliê de fotos, os amigos, são somente apêndices da verdadeira história de sua vida; nada disto responde ao que lhe falta; só os filhos são seu falo. Não tem olhos para o marido, não encontra satisfação suficiente, no clicar de sua máquina fotográfica, que permite um corte na sua relação patológica com os filhos, seus amigos afastaram-se com o decorrer do tempo... Todo o seu interesse está voltado para a busca do corte da relação destes filhos com qualquer outra mulher. Ressaltemos que ela é uma fotógrafa especializada em fazer "books" de mulheres comuns, de meia idade. O que pode isto nos fazer pensar? Uma hipótese seria a de que ela busca estancar a beleza de mulheres maduras, que é um índice do narcisismo feminino, assim como os filhos ocupam o lugar do apêndice que lhe falta – mais uma vez, a confirmação narcísica de uma suposta totalidade. Seja pela via da beleza, seja pela via da busca desesperada da imobilização dos filhos junto a si, constatamos a repetição de um mesmo mecanismo psíquico: o horror da castração.

Podemos assistir, nessa montagem dramática, a um lado perverso da maternidade: para que essa mãe – Ingrid – possa sustentar uma vivência de completude, precisa que os gêmeos continuem sendo filhos, voltados apenas para a mãe: não podem ser homens, não podem amar outras mulheres... Quando seus filhos se apaixonam por outra mulher, assistimos a um desmoronamento psíquico de Ingrid, uma vivência de dor próxima à loucura!

É nessa vertente que vemos alguns teóricos afirmarem que não existe a perversão nas mulheres porque elas têm o caminho da maternidade – o filho seria o objeto fetiche que atestaria o fato de que a castração não ocorreu. Mas o preço a ser pago, é que o objeto – filho-, não se move, fique para sempre ocupando o lugar de filhinho da mamãe...

MATERNIDADE: FILHO COMO "-φ"

Falo é um termo advindo do latim e que designa o órgão peniano sob a forma simbólica. Na Grécia podemos ressaltar o culto aos deuses itifálicos - iti é derivado de ithus que, em grego, significa reto -, o culto do falo como símbolo do órgão masculino em ereção. Tais deuses foram rejeitados pelas religiões monoteístas, uma vez que eles remetiam a um período bárbaro da humanidade caracterizado por práticas orgânicas. O "falo" para Lacan tem algo de divino: indica um objeto inacessível, divino. É esse o objeto do desejo da mãe: o falo. Mas aqui falamos de filho ocupando o lugar de "-φ", ou seja, de um objeto que ocupa um lugar de um falo que pode ser "caído", perdido: a mãe pode desejar mais além do corpo do filho, ele não satura o desejo da mãe. Esta é uma condição fundamental para que cada sujeito desta diáde, com a inscrição da falta estrutural, possa se movimentar no tabuleiro do jogo da vida: a partir de uma inscrição fundamental de falta, cada um – a mãe, o pai e o filho -, poder

"se virar" para inventar respostas possíveis diante da falta a que cada um de nós é submetido...

Retomando personagens de "Viver a Vida", pensemos na figura de Tereza, divorciada do "Don Juan" Marcos, e sua relação com as três filhas. Começo ressaltando que o amor de mãe NÃO é igual – a mãe não ama igualmente, como Tereza não o faz, suas três filhas, sendo uma adotada. Cada filho surge na vida de uma mulher, marcado pela sua história edípica, bem como com as especificidades da relação com o seu parceiro... Mais do que isto, cada filho, com suas características singulares de buscar o olhar da mãe – ou não-, de desejar o leite - ou não-, vai criando, com ela, um vínculo único. Tereza é uma mãe para cada filha, e a filha mais amada é a Luciana: bela, doce, compreensiva... e, agora, paralítica. Outra é marcada por maldades e é reconhecida com esse nome na casa. Isto – a nomeação – "sempre ela a fazer tal coisa ruim", fixa-a nessa posição... A terceira é a boazinha e adotada. Tereza é capaz de amar um homem e esse é o elemento que quero destacar com fundamental para que as filhas possam desejar fora do lar. Elas podem cair do lugar de serem as "filhinhas da mamãe", pois Tereza pôde fazer uma parceria possível, seja com seu ex-marido, seja com o ex-namorado francês. Mas sabemos que ela ama mesmo o ex-marido, Marcos "Dom Juan". O mito de Dom Juan nos ensina que embora ele tivesse "dezenas de mulheres", ele tinha o saber fazer de cada uma, única na sua vida; o saber fazer com que a mulher goze num momento que é único, pois ele, talvez, nunca mais voltará! Essa suspensão da certeza, essa suspensão da nomeação do que vai acontecer é um caminho profícuo ao gozo Outro na mulher. Um gozo mais além dos limites do corpo, um gozo que extrapola os limites e tem algo de loucura... Tereza está desquitada, tem um ex-namorado charmoso, rico e enamorado ao seu lado, mas seu desejo continua direcionado para seu Dom Juan...

MÃE E MULHER

De um lado, o sonho da maternidade no campo da sexualidade feminina permite a realização do desejo da completude, da possibilidade de "uma relação sexual possível" – aquela entre mãe e filho. De outro lado, se isso se realiza, a mãe e o filho se fecham num casulo de completude onde, no limite não é necessário a linguagem para falar da falta: a mãe "sabe o que o filho precisa" - coloca uma blusa de lã, pois "sabe" que ela/ele sente(m) frio. É o caminho para a aparição de um ser metamorfoseado: dois que são um. O preço pago é que um – a mãe – deseja, o outro – o filho – morre enquanto sujeito desejante para se reduzir a objeto do fantasma materno: objeto "a". Esse filho, não teria outra função que a de revelar a verdade desse sintoma materno. É o que encontramos frequentemente na clínica do autismo: a mãe "amalgamada" neste objeto-filho que pode não falar sequer uma palavra: ela faz tudo por ele, ela fala e sente por ele. O filho, nesse caso, funciona como um verdadeiro polo condensador de gozo materno, um objeto real que faz validar a equação da existência da relação sexual.

É o interdito do "pau-falo-paterno" que permite que a mãe viva essa situação como da ordem de um faz-de-conta pontual, de uma história do mundo infantil que tem uma página no final do livro onde se inscreve "FIM", caminho fundamental para que a realidade possa advir. É a quebra desta fusão entre a mãe e a mulher que abre o campo para que a mulher possa surgir mais além da figura da mãe. Com Lacan poderíamos retomar sua instigante afirmação: "A Mulher não existe", ou seja, a mulher é da ordem do não sabido, é fora significante que possa dizer dela, a mulher o é lá onde reina o sem-sentido... O falo é o operador que abre uma fenda entre a mãe e mulher, que permite que o predicado mãe não sature o advir da mulher. Para tanto, o sujeito mãe tem que suportar a castração, tem que suportar continuar desejando mais além do corpo do seu filho, de maneira que ele também receba a mensagem que é castrado, ou seja, que ele, o filho, não satura o desejo materno. Estamos no terreno da

aberto. Na fuga com Jasão, Medeia não hesitou em matar seu próprio irmão para atrasar a comitiva que os perseguia.

Medeia e Jasão casam-se e têm filhos: Hesíodo fala de um filho; outros autores atribuem dois ou três filhos. Viveram felizes por dez anos em Corinto. Mas Jasão cansou-se de Medeia. Ficou noivo de Creusa (ou Glause), a filha do rei Creonte. Medeia enviou um vestido nupcial para a noiva que lhe espalhou pelas veias um fogo violento. Enquanto todo o palácio ardia, Medeia mata seus filhos que tinha tido com Jasão, e foge num carro que a leva pelos ares. Jasão, agora só, volta para sua terra natal, Iolco.

Estamos diante de uma tragédia em que o sacrifício dos filhos de Medeia e Jasão implicam um gozo da vingança da mulher (des) amada. Fazer sofrer o homem que traiu as juras de uma fidelidade eterna, matar a mulher que se colocava entre ela e seu marido, aquele homem por quem já matara seu próprio irmão, por quem já fora banida pela sua família – isto pode nos oferecer pistas de um desejo extremo de vingança. Mas como explicar a morte de seus próprios filhos? Os filhos, para Medeia, não preenchiam o vazio de seu ser, sua posição de mãe de seus filhos não era suficiente como condição de gozo. Mais além da mãe, surge a mulher e o horror do encontro com um real: no texto de Eurípedes, Medeia fala dos filhos sem nunca lhes atribuir nomes, não parecem ocupar posição de sujeitos, fala do futuro sem nunca inclui-los, sem qualquer sentimento maternal. Mata os filhos estrangulando-os. Jasão não tem o direito de enterrá-los; o funeral é arranjado pelo pai de Medeia. Matar seus filhos tornou a separação impossível! A morte dos filhos reuniu, de alguma maneira, Medeia e Jasão para toda a eternidade. Jason havia declarado um amor paterno imenso pelos filhos e é por ai que devemos buscar explorar as motivações deste ato de Medeia. Ela decide matá-los porque sabia que eles lhe eram importantes, queridos.

Matar seus filhos foi o caminho mais direto para punir o homem que a deixou por outra mulher, foi o melhor caminho para colocá-lo frente à castração. “Les enfants qu'il a eus de moi, jamais plus il ne les reverra vivants”(

Grimal, 1951). Seu ato atingiu, de maneira certeira, o coração de Jasão. O ter, para a mulher, parece ser menos importante do que o ser. Ser amada, para a mulher, anula momentaneamente a castração. Frente ao desamor, abre-se a ferida insuportável da castração, e indica que o registro do ter – os filhos/falo -, não ocupa um status suficiente para que a “verdadeira mulher” possa suportar uma existência.

Medeia e o infanticídio coloca-nos diante de uma tragédia de vingança, que nos deixa um registro de como o gozo, advindo da maternidade, não preenche uma mulher. Mais além dos filhos, ela sofre pela impotência de viver um gozo Outro, dor que o amor de Jasão não mais acalmará. Medeia escolheu o caminho da vingança: abriu em si, e no homem amado, uma ferida que para sempre sangrará.

Talvez tenha sido essa, sua maneira de escrever um encontro possível com seu amado - aquele que tinha o dom de fazê-la mulher -, encontro tecido pela dor, para sempre presente...

Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund. Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. In: *Obras Completas*. Tradução de Lopes-Ballesteros y de L. Torres. 3a ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972. Cap. XXXIII.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Presses Universitaires de France. Paris, 1951.
- LACAN, J. *Mais*, Ainda. Livro XX. Rio de Janeiro, JZE, 1982. Cap. VIII.
- MILLER, J. A. A criança entre a mãe e a mulher. *Opção Lacaniana*, 21, 1998, p. 7.
- JONES, E. – *Vida e obra de Sigmund Freud*. Buenos Aires, Ediciones Horne, 1976. Tomo II.

SOBRE O "ATO PSICANALÍTICO"

Patrícia Ribeiro Possato

Dentro da História da Psicanálise, Lacan marcou um lugar a partir de uma nova lógica para o "set" analítico; ao fazer da posição freudiana sua bandeira, defende a impossibilidade da "Verdade" e rasga diretrizes pré-estabelecidas com suas frases de efeito e trajes extravagantes.

Ele se ocupou, no seu "Retorno a Freud", em reelaborar a teoria psicanalítica mantendo o essencial, o coração dela: o específico do Inconsciente, atravessado no sofrimento de cada um. Também manteve sua "via régia": Chiste, Psicopatologia da Vida Cotidiana e Interpretação dos Sonhos são seus textos "canônicos", recomendados a todos os analistas onde devemos, sempre, nos remeter.

A partir de 1953, com a 1º cisão francesa, ordem médica x análise leiga, os chamados liberais fundaram a Sociedade Francesa de Psicanálise - Lacan, Lagache e Dolto. A consequência foi a expulsão da IPA; ficaram incumbidos de reverter esse processo a "troica": Perrier, Granoff e Leclaire. Lutaram por dez anos para tentar reintroduzir a SFP à IPA: sem sucesso. Em 1963, novo racha, já que a barreira imposta, não ser didata, era a Lacan e Dolto. Assim, os "amigos" resolveram voltar a IPA.

Lacan chamou de "ex-comunhão" o primeiro encontro do ano de 1964, seminário "Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise" referindo-se ao acontecimento da separação e da perda do espaço para seu seminário. Foram os filósofos que o acolheram, especialmente Althusser; recebeu uma sala na École Normale Supérieure.

Até então Lacan se ocupou em trabalhar (escutar), falar (seminários) e lembrar aos seguidores que o verdadeiro "set" analítico é aquele onde se possibilita introduzir um corte; via significante, nos fios que tornam os seres marionetes de si mesmos. Assim, tempo de sessão, local, trajar; que eram

rígidos, foram explodidos e ele passa a propor rigor - o do inconsciente -, e não rigidez.

Aqui, temos o momento em que ele verdadeiramente introduz seu ato: "Ato de Fundação". Lacan propõe uma nova Escola; faz um texto com nome citado e fala da psicanálise em ato (Preâmbulo). Importante aqui: o "Ato de Fundação" é seguido pela "Nota Adjunta" e "Preâmbulo". Psicanálise em ato, um fazer, do (a) analista. Ele está envolto ainda em marcar seu lugar nessa história emaranhada que é a da Psicanálise.

Sua Escola é criada para ser um "locus", o mais propício possível para o desenvolvimento da Psicanálise. Divide em três frentes de estudo: Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e Seção de Recenseamento do Campo Freudiano. Propõe uma Escola como experiência inaugural: "o ensino da psicanálise não se pode transmitir de um sujeito ao outro a não ser pelas vias de uma transferência de trabalho. Os seminários, incluindo aí nosso curso nos Altos Estudos, nada fundarão se não remeterem a essa transferência."

Aqueles interrogados pelas questões do trabalho analítico são convidados a se alinhar e pensar também sobre um ponto específico: o(a) próprio(a) psicanalista.

Assim a E. F. P. está às voltas com a clínica e seu produto mais importante , segundo Lacan: o analista que emerge dela. Bem, em 10/67, Lacan lança sua "Proposição de Outubro" e, em 05/68, submete o Passe à votação. O seminário XV- O Ato Psicanalítico inicia-se em 15/11/67 e acaba em 27/03/68; não são possíveis os encontros de 8 e 15 de Maio de 1968, pelas questões políticas. Ou seja, esse seminário está ocupando o intervalo do lançamento da Proposição e a votação chamada por Lacan em Maio de 68 sobre o Passe. A leitura desse seminário vai da clínica à formação numa linha e volta... Assim a mais pura essência dessa prática é: um (a) analista pode se instaurar por e para ela.

Num processo a partir da posição de SsS (Lacan iguala ao conceito de transferência) que o(a) analista instaura a tarefa psicanalizante (falar). O ato

psicanalítico (provoca uma inovação, criação) é próprio do(a) analista que, ao final, se comprova num re-ato; o analisando/ analista se autoriza porque suporta a posição que resta como experiência em que o "sujeito é condenado a ficar dividido; o destino é que, ao fim da análise, ele se realize como constituído por essa divisão onde todo significante, enquanto representa o sujeito para outro significante, comporta a possibilidade de sua inefficiência precisamente para operar essa representação, por sua colocação em falso a título de representante. Não há psicanalizado, há um tendo sido psicanalizado, donde só resulta um sujeito prevenido de que não se poderia pensar como constituinte de toda ação sua."

Estamos sendo colocados a todo momento dessa leitura frente a impossibilidade do saber-todo e, em como a "presença" do objeto a pode nos iludir que "lá" haverá um todo possível; como na ilusão do SsS ou na relação sexual. Nem objeto a, nem significante haverão de preencher qualquer tentativa teorizante da experiência; no fim, é o encontro com a castração. Não há no campo do Outro nenhum significante que "me diga toda". Com Lacan: "em nada do que podemos inscrever de nós mesmos no campo do Outro, nós podemos nos reconhecer". "A própria tarefa analítica se reitera, anulando-se como sublimação".

Assim, somente a ação criadora, a partir de um abalo, dá prova do ato (ou re-ato); a posteriori.

Referências Bibliográficas

- LACAN, J., O Ato Psicanalítico – Livro XV – 1967-1968.
LACAN, J., Ato Psicanalítico. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro. JZE. 2003.
Pg. 371-382.
ROUDINESCO, E. - Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, JZE. 1998.

EM TORNO DA SUBLIMAÇÃO E DO FINAL DE ANÁLISE

Carlos Serafim Martinez

No trabalho com o Seminário 16, "de um Outro ao outro"², na Atividade de Leitura, coordenada na ACP por Walkíria Grant ao longo de 2008/09, a certa altura de uma discussão que versava sobre o "depois da análise", me vali de um argumento que logo me pareceu impróprio. Para dizer da sublimação, em sua relação ou não com esse "depois", enunciava: "como dizer que na análise o que importa é a sublimação, pois quem poderia medi-lo, quem poderia afirmar que fulano se coloca em uma posição sublimatória mais plena, quem saberia avaliar isso? Porque para que isso pudesse se realizar, seria necessário um saber, e o saber que interessa à análise é um saber em queda."

A sequência disso me levava a pensar que não seria fora de propósito enfrentar a idéia de que o analista não tem que saber nada sobre seu paciente, nem antes do término, muito menos depois. E que a prática do analista se vale de um saber muito específico, não sendo possível manter duas decisões a respeito de qual é o saber que interessa: é preciso escolher.

Mas não há um equívoco em tratar a questão por este caminho? Julgo que sim, porque embora seja possível com isso tratar da posição de escuta do analista, essa não é uma entrada estrutural na questão da sublimação. É uma entrada pela via da evidência, se ela é segura, quer dizer, se orienta pelo que é possível de se averiguar. Ademais, a afirmação, como está, poderia perfeitamente terminar por refletir tão somente uma preocupação com a capacidade que o sujeito teria de se enganar, bem como ao analista, ao apresentar bens ou modos da pulsão indicativos de chances novas com o gozo, mas que seriam apenas ilusórios. Parece-me pouco. Para além do ilusório e da acurácia, interessa perguntar qual é a transformação que a análise permite,

² O trabalho aqui se refere ao que foi produzido ao longo de uma Atividade de Leitura, coordenada na ACP por Walkíria Grant ao longo de 2008/09

porque isso tem consequências no que o analista pratica. Com o que o analista teria que se importar? Em que medida?

No seminário 16³, Lacan diz: “para o neurótico, o saber é o gozo do sujeito suposto saber. É por isso mesmo que o neurótico é incapaz de sublimação.”

Aqui poderíamos nos animar e ver nisso uma resposta, a de que bastaria testemunhar a realização disso que era impossível e obter aí a certificação de uma passagem, de uma cura, por estabelecer algo que falta ao neurótico, o em jogo da “capacidade de amar”, quer dizer, um ganho, nesse processo. Mas prossigamos:

“A sublimação, por sua vez, é própria daquele que sabe contornar aquilo a que se reduz o sujeito suposto saber. Toda criação artística situa-se nessa demarcação do que resta de irredutível no saber como distinto do gozo. Mas alguma coisa vem marcar a empreitada (da sublimação) na medida em que ela nunca designa no sujeito sua inaptidão para sua plena realização”.

A sublimação refere-se a uma estratégia com o sujeito suposto saber, “contorná-lo” é seu feito, o que está bem longe de representar uma operação sobre este ou qualquer sujeito. Pommier indica outra coisa ainda, que me parece contradizer este “o neurótico é incapaz de sublimação”. No livro “Desenlace de uma análise” ele escreve: “a sublimação é o ato que permite ao sujeito se desfazer de sua significação ao falo”⁴. Essa observação de Pommier vai ao encontro da definição de Lacan da obra de arte. Seu mérito é seu “topos”, retirado para o campo do gozo. Por dentro de *das Ding* o objeto artístico faz cécegas. No seminário 7, “A Ética da Psicanálise”, Lacan fala dessa possibilidade de colonizar este campo varrido do Outro, este campo inhabitado

pelo significante que é o campo do gozo. Continua Pommier: “O ato de criação destaca o autor da captura mortal que o estreita, ele afasta um desejo estranho... ”... “e desvia a alienação, a sexualização, pelas vias mesmas que o tomaram, aquela do olhar, da voz, da forma”. Sua elaboração o leva, por fim, a situar a sublimação como necessária: “a sublimação não é nessa perspectiva o fundamento de uma elite artística, é um destino obrigatório da pulsão, uma criação necessária à existência.”

Depois de ligar a sublimação ao recalque originário, que no início do livro é considerado como uma espécie de “irrefutado” indispensável, uma separação, um corte, uma decisão essencial entre um “não-é” e um “é”, Pommier chega a esta distinção:

“A sublimação consiste em apresentar este irrepresentável que é o gozo do corpo perdido (essa parte identificável ao objeto a), ... apresentando o irrepresentável, a obra opera um golpe de força. Ela mostra um impossível como real. Sua operação então é inversa àquela do ato analítico, que situa o Real como impossível. “Evanescência do semblante, semblante da evanescência-, real da impossibilidade, impossibilidade do real, a estética e a ética se opõem em um aforismo que mostra seu ponto de conjunção assim como sua disjunção radical”.

Phillipe Julien no livro “O estranho gozo do próximo”, nas páginas finais, retoma dizeres de Lacan no seminário inédito, “Les non-dupes errant”, aula de 09/04/1978, em que Lacan fala de “uma certa homologia entre o que temos como obras de arte e o que colhemos na experiência analítica. Da arte temos que tirar a semente.” Mas se com essa citação ele nos veta um desembaraço muito fácil da relação entre arte e psicanálise, ele também afirmará que o vínculo entre o analista e o analisando, o “campo da experiência”, “campo da verdade”, é um campo insuficiente para que o analista reinvente a psicanálise. Segue, citando ainda essa sessão quando Lacan diz que o que está em jogo é

³Pg 341-342

⁴Pg 193 - 194

fazer da psicanálise “o terceiro que ainda não foi classificado”, “esse algo que está escorado na ciência, de um lado, e tira a semente da arte, de outro”. Recolho esta passagem como uma indicação de um campo de trabalho a percorrer.

Retomando aquele “quem poderia medi-lo, quem poderia avaliar isso?”, há nisso como pano de fundo uma outra discussão, que é a do passe. Em termos humorísticos, poderíamos colocar assim a questão: para que o procedimento do passe, por que não uma exposição de trabalhos artísticos, como modo de comprovação da existência da psicanálise?

Medir e recolher algo das análises não me parece ser uma questão desprovista de importância. Mas é igualmente de interesse do psicanalista decidir por uma posição quanto ao que é de sua conta saber desses termos de análise, ou melhor situado, do que se pode dizer de um ato que faz em uma análise o impossível de não desdizer de um corte sistematicamente destinado a ser suturado e mais: o que se transmite disso para alguns, dado que:

- o analista, na elaboração que ele pode fazer da prática analítica se depara com a parcialidade (de seu saber?), e com a importância da parcialidade do saber de seus pares.

- o que pode advir de uma análise não se destina à contemplação, nem à constatação. Se, na escrita da fantasia, o sujeito se recorta desse objeto que é a falta radical e central do enodamento dos registros (neste ponto uma elaboração sobre RSI pode ser valiosa), distinto do sujeito que na pulsão se recorta da demanda ($\$ \leftrightarrow D$), o sujeito que marca sua passagem é obrigatoriamente um sujeito que produz um problema, um desacerto, não um acréscimo. O procedimento do passe, estruturado de uma forma tão peculiar (passante, passador, cartel do passe), é dispositivo lógico que constrói uma chance para que entre em cena o advento de sujeito, sujeito que na sublimação transfere para outro ponto sua questão. O passe é pura chance, comprometida com a hipótese da transmissão e não com a veracidade de uma passagem, mesmo quando ele

pode negá-la. Diferente desta convocação ao trabalho, o que se poderia fazer com algo que testemunhasse de um andamento sublimatório da pulsão que não acabasse por se reduzir a um mero reconhecimento de um trabalho bem feito?

Essa interrogação, que pretende fazer avançar a elaboração, tem um ponto de apoio e de esclarecimento em uma “divisão” do trabalho analítico, conforme encontrada ainda no trabalho já citado de Pommier, quando nos fala de procedimentos diferentes do analista para com o sintoma e para com a fantasia. O sintoma é destrinchável, a fantasia é isolável. No âmbito da fantasia é possível um clarão, onde o analisando se desaloja da cavilha, sempre a mesma, apenas aquela, por onde passam seu sintoma, sua sala, sua realidade e sua percepção de mundo. Pommier, em certo ponto de sua argumentação, falando da histérica, diz que o complexo de Édipo é seu aparelho perceptivo, ou seja, que ela não enxerga o mundo com seus olhos e sim com seu Édipo e é bem o caso de duvidar se este qualificador seria tão somente da histérica. Então ele indica duas operações essenciais, onde para o sintoma se faz o corte, a escansão, as leituras literais que operam ora na captura do sujeito no desejo materno, ora em sua exaltação na vitória do assassinato do pai. A operação com a fantasia difere disso. Com a fantasia, no que ele chama de interpretação, estes dois campos implicados isoladamente no sintoma são ligados, desfaz-se a descontinuidade entre o amor incestuoso e o parricídio, por meio da produção de um enunciado irrisório, quase ridículo, difícil de obter sem que se produza algum enunciado absurdo, cuja função é estritamente de ligação: “x porque y” é a forma de que o autor se vale. Ela não se desdobra em nada, porque é o ponto onde se toca na fantasia que desdobra.

Um aparte é essencial nessa passagem: ele justifica o uso dos matemas $\$ \leftrightarrow a$, $\$ \leftrightarrow D$ usados anteriormente e toca na questão da posição que o analista tem diante da fantasia, como ele a toma, o que ele pode dizer a respeito dela. O seminário da Lógica da fantasia está integralmente sustentado pela relação que a fantasia tem com a escrita. No seminário 16, Lacan diz: a existência de vocês está apensa à existência da lógica.

A fantasia é tão sem substância quanto a linha da página em que palavras se escrevem, exceto que teríamos que pensar que essa linha interfere no discurso que ali se escreve. Para os sujeitos do desejo, desejo e realidade são avesso, forro um do outro. Freud, quando coloca a pergunta “quando o paciente falta à sessão porque algo significativo o impedi, isso é resistência?” Mais que responder sim ou não, é importante notar que a pergunta é legítima.

O sujeito que se destaca quando a fantasia é tocada não produz reconhecimento, sua emergência só pode produzir estranhamento, despersonalização e desrealização, ou consecutivamente, sonhos com o fim do mundo.

O acesso a esse nível de estrutura só é possível quando se separa a ação sobre o sintoma e a ação sobre a fantasia. Mas ambas precisam/podem estar desembaraçadas do saber. O que importa aqui encaminhar minimamente, apresentar como uma questão de trabalho tem uma relação muito forte com o impacto de um trabalho de Érik Porge⁵, que tem por título “Um sujeito sem subjetividade”. O que ele vai enfrentar nesse artigo é uma questão capital na elaboração atual dos analistas: o pressuposto de que existem “novas patologias” que “seriam o signo desses assim chamados novos sujeitos”. Para ele “sujeito e subjetividade são dois termos disjuntos que se excluem um ao outro no tempo em que aparecem”. O autor recorre a estas passagens de Lacan:

“É preciso desenlamear o sujeito do subjetivo”, diz Lacan na sua Proposição de 9 de outubro de 1967⁶. O sujeito não tem subjetividade, ele não se subjetiva, ele se institui na sua destituição (O desejo e sua interpretação, 1958) porque ele é apenas representado por um significante para outro significante. Onde há sujeito há fading da

⁵ Porge, Érik “Um sujeito sem subjetividade”, pg 152 revista Literal 12, Parábola Editorial, Campinas, 2009, trad Viviane Veras.

⁶ J. Lacan, *Autres écrits*, op. cit., p. 248. [Outros escritos, p. 253]

subjetividade. Nesse espaço-tempo entre dois significantes ele é forachudo, signo de nada, pura hipótese. Suposto, ele nada supõe.”

Qual o interesse disso nessa discussão? É possível depreender que Porge encaminha “uma prática lógica na psicanálise”, por devolver ao sujeito seu caráter estrutural, sua pura estrutura, elemento de estrutura, e, por sua função lógica, objetável, facilmente recusável: “o ser do sujeito não é a subjetividade, é seu excremento.”

Há um tanto de questões por resolver, porque não é fácil manejar com alguns organizadores dessa discussão. Por exemplo: não pode ser a mesma coisa manejar com a questão do que se passa, do que se transmite de uma análise do ponto de vista de uma Escola, do agrupamento organizado no dispositivo do passe ou do analista que conduziu a análise. Não haveria um impossível estrutural para que o analista possa saber dessa passagem, dado que ele, na função com o saber, é o que cai na operação? A operação de destituição do sujeito suposto saber não requer que o sujeito investido nisso encontre, por isso mesmo, uma obstrução que o impede de saber o que operou na cura, do que ele teria sido na cura? O final da análise não requer que o analista efetive, ou suporte a efetivação de algo que sempre esteve ali, que é sua relação com a verdade do engodo do saber?

Então, seguindo Porge, a operação analítica conduz a um sujeito que não apresenta nada, não substitui nada, não acrescenta nada. É por conta disso que me oponho à saída sublimatória da análise, porque ela sempre constitui uma resposta, ela é um saneamento do Outro, ela realiza um objeto impossível que dá corpo a um gozo perdido e a hipótese da possibilidade de sua verificação, seu exame, sua avaliação (avaliação) supõe uma continuidade entre o analista e seu paciente que deverá ser desfeita (continuidade que com alguma sorte, ao longo de toda a análise, terá sempre sido um fracasso). Pommier fala da importância de perguntar ativamente sobre as situações importantes ou corriqueiras sobre as quais poderia haver um silenciamento, justamente para

ensinar que isso não é uma questão de elucidação, não é uma questão “diagnóstica”, dado que isso se presta, antes de mais nada, a fazer aquilo que tudo em uma análise deve sempre privilegiar: dar a chance, sempre mínima, para uma presentificação do que não faz outra coisa a não ser se furtar.

O pressuposto inicial do analista comporta um “sei que não sei” que talvez pudesse ser levado a seu extremo se aí se acrescentasse um “e sei que saberei menos ainda”. A aposta de que será possível verificar, mesmo que isso aconteça, um desdobramento que permita concluir o “sucesso” de um tratamento, é uma curiosidade da qual o analista talvez ficasse mais livre em sua ação, se disso pudesse se desembaraçar.

AGENDA

PROGRAMAÇÃO 2º SEMESTRE 2010

LEITURAS EM PSICANÁLISE

A OBRA DE SIGMUND FREUD

O Nascimento da Psicanálise – A Metapsicologia

Para uma introdução à obra freudiana e para os interessados em retomá-la

Coordenação: Analistas da ACP

Terça-feira - 20h30 às 22h00

Início: 03/08/2010

A OBRA DE JACQUES LACAN

Seminário V: As formações do inconsciente

Para os que desejam introduzir-se na leitura dos Seminários.

Coordenação: Regina Steffen

Terça-feira - 19h00 às 20h30

Início: 03/08/2010

Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semelhante

Coordenação: Analistas da ACP

Sexta-feira - 10h00 às 11h45(mensal – 2ª semana do mês)

Início: 13/08/2010

SEMINÁRIOS

Psicanálise com Crianças

Coordenação: Adriana Fiori

Segunda- Feira - 20h00 às 21h30

Início: 02/08/2010

Análise de Pais

Coordenação: Durval Chechinato

Sexta-Feira - 8h00 às 9h45 (quinzenal)

Início: 06/08/2010

Sonhos – de Freud a Lacan

A interpretação hoje

Coordenação: Lucia Bertazzoli

Sexta-Feira - 8h00 às 9h45 (*quinzenal*)

Início: 13/08/2010

O inconsciente a céu aberto da psicose: Schreber e Aimée

Lacan descreveu a psicose como inconsciente a céu aberto. Neste seminário buscaremos estudar esta tese lacaniana, bem como submetê-la aos estudos de caso paradigmáticos de psicose: Schreber e Aimée.

Coordenação: Walkiria Grant

Sexta-Feira - 10h00 às 11h45 (*quinzenal*)

Início: 06/08/2010

Diálogos Clínicos

Pré-requisitos: estar atendendo pacientes em rede pública ou consultório particular. Não há necessidade de conhecimento prévio de psicanálise lacaniana. Vagas limitadas. Agendar entrevista.

Coordenadores: Terêncio E. Hill e Rodrigo A. S. Abreu

Quinta-Feira - 19h30 às 21h00 (*quinzenal*)

Início: 05/08/2010

QUARTAS À NOITE NA ACP

Encontros Mensais – Consulte programação no site

Encontros com a Comunidade

Reuniões abertas para discussão de temas da atualidade. (1^a semana do mês)

Psicanálise e Arte.

O modo de criação poética é muito semelhante à maneira como o inconsciente se metaforiza nos sonhos, atos falhos ou nos sintomas. (2^a semana do mês)

Cinedebate

O espectador de uma sessão de cinema é mais do que um espectador, uma vez que marcas de sua história pessoal são ressignificadas em função do tempo da sessão. Um trabalho inconsciente, incansável e contínuo... (3^a semana do mês)

Reuniões Temáticas

Espaço dedicado à troca de conhecimentos e articulações do saber psicanalítico. (4^a semana do mês)

SIMPÓSIO

Analise de País – Criança: sintoma dos problemas dos pais.

Palestrante: Durval Checchinato e Renata Falivene

Data: 18/09/2010

Sábado - 08h30 às 17h00

III Jornada de Psicanálise da ACP

Tema: 'O Gozo'

Data: 27/11/2010

Sábado - 8h30

SOBRE OS AUTORES

Walkiria Helena Grant - psicanalista da ACP.

Lucia Brandão Bertazzoli - psicanalista da ACP.

Patrícia Ribeiro Possatto- psicanalista da ACP.

Carlos Serafim Martínez - psicanalista da EPC.

ERRATA

Seguem as referências bibliográficas corretas do texto da página 06: "Considerações sobre o Ato Analítico".

(1) Lacan, J. Seminário XV, O Ato Analítico (15/11/67)

(2) Mariguela, M. "Filosofia do Ato" "Freud e o Übermensch[super-homem] nietzschiano", Palestras proferidas em junho e agosto/2009 na ACP – disponíveis para consulta em audio/dvd.

(3) Lacan, J. Seminário XI de Lacan, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise – 29/01/64

(4) Lacan, J. Seminário XI de Lacan, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise – 27/05/64

(5) Lacan, J. Seminário XI de Lacan, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise – 29/04/64

(6) Lacan, J. Seminário XI – última lição.

(7) Lacan, J. Seminário XVI – De um Outro ao outro

(*) Reflexões feitas a partir da leitura do seminário XV e dos questionamentos suscitados na I Jornada da ACP – O Ato Analítico em 2009.